

A Revolução Permanente

Leão Trotski

Novembro de 1929

Transcrição para a web gentilmente cedida pelas [Juventudes do PSTU](#).
HTML por [José Braz](#) para Marxists' Internet Archive.

Introdução

Esta obra é consagrada a uma questão estritamente ligada à história das três revoluções russas, mas ainda vai além. No decurso destes últimos anos, essa questão teve um papel imenso nas lutas intestinas do Partido Comunista da União Soviética. Colocada, em seguida, na Internacional Comunista, desempenhou papel decisivo no desenvolvimento da revolução chinesa, determinando uma série de resoluções extremamente graves, relacionadas com a luta revolucionária nos países do Oriente. Trata-se da chamada teoria da "revolução permanente", que, segundo os epígonos⁽¹⁾ do leninismo (Zinoviev, Stalin, Bukhárin e outros), constitui o pecado original do "trotskismo".

Após longa trégua, a questão da revolução permanente novamente levantada em 1924, de uma forma que à primeira poderia parecer completamente inesperada. Não havia nenhum motivo político para recomeçar a discussão: eram controvérsias muito tempo esquecidas. Em compensação, existiam graves razões psicológicas. O grupo dos chamados "velhos bolcheviques", ao empreender a sua ofensiva contra mim, opôs-me inicialmente o seu título de "velhos". Mas, um grande obstáculo surgia em seu caminho: o ano de 1917. Por mais importante que tenha sido a história das lutas ideológicas precedentes e da preparação revolucionária, essa primeira fase, para o conjunto do Partido e para os indivíduos, encontrou sua justificação mais alta e irrevogável na Revolução de Outubro. Nenhum dos epígonos¹ conseguiu passar nesse exame.

No momento da revolução de fevereiro de 1917, todos sem exceção, ocuparam as posições vulgares da esquerda democrática. Nenhum deles formulou a palavra de ordem de luto do proletariado pelo poder. Todos eles consideravam a orientação rumo a revolução socialista como absurda ou, pior ainda, como "trotskista".

Foi nesse espírito que dirigiram o Partido até o regresso de Lênin do estrangeiro e até à publicação de suas célebres teses de 4 de abril de 1917. Depois disso, Kaménev⁽²⁾, já em luta direta contra Lênin, procurou organizar abertamente a ala democrática do bolchevismo. Zinoviev, que chegara com Lênin, dá-lhe logo, depois, sua adesão. Stalin, muito comprometido por sua posição social-patriótica, pôs-se a margem. Deixando ao Partido tempo para esquecer os lamentáveis artigos e discursos de sua autoria durante as semanas decisivas de março, Stalin foi se aproximando, pouco a pouco, do ponto de vista de Lênin. De tudo isso, surgiu, naturalmente, a pergunta: Que aprenderam do leninismo esses dirigentes "velhos bolcheviques", uma vez que, no momento histórico mais grave e mais cheio de responsabilidades, nenhum deles foi capaz de utilizar, por si, toda a experiência teórica e prática do Partido? Foi preciso, porém, evitar, a todo custo, a questão e substituí-la por outra. Isso explica por que se decidiu concentrar o fogo sobre a teoria da revolução permanente. É natural que os meus contraditores não tenham, então, podido prever que, depois de criarem um eixo artificial de luta, se veriam forçados, em seguida, a girar insensivelmente ao redor desse eixo e a formar, assim, uma concepção nova por método inverso.

Os pontos essenciais da teoria da revolução permanente foram por mim formulados antes dos acontecimentos decisivos do ano de 1905. A Rússia caminhava para uma revolução burguesa. Entre os sociais-democratas russos da época (trazíamos todos, então, o nome de sociais-democratas), ninguém duvidava que marchássemos precisamente para uma revolução burguesa isto é, para uma revolução provocada pela contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade capitalista e as anacrônicas relações de classe e de condição legadas pela época de servidão e da Idade Média. Lutando, nessa época, contra os narodniki (populistas) e os anarquistas, consagrei numerosos artigos e discursos à interpretação marxista do caráter burguês da revolução iminente.

Esse caráter burguês da revolução não deixava, porém, prever que classes deveriam realizar as tarefas da revolução democrática e que forma tomariam então, as relações entre as classes. Era esse, no entanto, o ponto de partida de todos os problemas estratégicos fundamentais.

Plekhanov⁽³⁾, Axelrod, Zassulitch, Márto⁽⁴⁾ e, com eles, todos os mencheviques russos, partiam do ponto de vista de que o papel dirigente numa revolução burguesa só podia pertencer à burguesia liberal, na qualidade de pretendente natural do poder. Segundo esse esquema, cabia ao partido do proletariado o papel de ala esquerda da frente democrática: a social-democracia devia sustentar a burguesia liberal na luta contra a reação, mas defender, ao mesmo tempo, os interesses do proletariado contra a burguesia liberal. Por outras palavras, os mencheviques consideravam a revolução burguesa, sobretudo, como uma reforma liberal e constitucional.

Lênin formulava o problema de modo inteiramente diverso. A libertação das forças produtivas da sociedade burguesa do jugo da servidão significava antes de tudo, para ele, a solução radical do problema agrário, no sentido de uma liquidação definitiva da classe dos grandes proprietários fundiários e de uma transformação revolucionária no domínio da propriedade fundiária. Tudo isso estava indissolúvelmente ligado à abolição da monarquia. Lênin colocara o problema agrário, que tocava nos interesses - vitais da enorme maioria da população e que constituía, ao mesmo tempo, a base do problema do mercado capitalista, com uma audácia verdadeiras mente revolucionária. Uma vez que a burguesia liberal, que se opunha aos operários, estava ligada à grande propriedade fundiária por laços numerosos, a libertação verdadeiramente democrática da classe camponesa só podia realizar-se pela cooperação revolucionária dos operários e camponeses.

Em caso de vitória, essa revolta comum contra o antigo regime devia acarretar, segundo Lênin, a instauração da "ditadura. democrática do proletariado e dos camponeses".

Essa fórmula é, hoje, repetida, na Internacional Comunista, como um dogma geral, sem que se procure fazer a análise da experiência histórica viva do último quarto de século. Como se não tivéssemos sido atores e testemunhas da revolução de 1905, da revolução de março de 1917 e, finalmente, da reviravolta de Outubro! No entanto, uma tal análise histórica é tanto mais necessária

quanto o regime da "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses" nunca existiu na realidade. Em 1905, Lênin falava, apenas, de uma hipótese estratégica que devia ainda ser verificada pelo curso real da luta de classes. A fórmula "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses" tinha, sobretudo, e de caso pensado, um caráter algébrico. Lênin não resolvia, de antemão a questão das relações políticas entre as duas partes da ditadura democrática eventual: o proletariado e os camponeses. Não excluía a possibilidade de serem os camponeses representados na revolução por um partido especial, independente não só da burguesia, mas também do proletariado, e capaz de fazer a revolução democrática unindo-se ao partido do proletariado na luta contra a burguesia liberal. Como veremos em seguida, Lênin admitia até que o partido revolucionário camponês formasse a maioria no governo da ditadura democrática. Desde o outono de 1902, pelo menos, isto é, desde a época da minha primeira fuga para o estrangeiro, me considerei discípulo de Lênin no que concernia ao papel decisivo da transformação agrária no destino da nossa revolução burguesa. Ao contrário do que rezam as lendas absurdas dos últimos anos, estava então perfeitamente convencido de que a revolução agrária e, por conseguinte, a revolução democrática, só podia realizar-se no curso da luta contra a burguesia liberal, pelos esforços conjugados dos operários e dos camponeses. Opunha-me, porém, à fórmula da "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses", por achar que tinha o defeito de deixar sem resposta a pergunta: A qual dessas duas classes pertencerá a ditadura real? Procurava demonstrar que, a despeito de sua enorme importância social e revolucionária, os camponeses não são capazes de formar um partido verdadeiramente independente e, muito menos, de concentrar o poder revolucionário nas mãos desse partido. Em todas as revoluções passadas, a partir da Reforma alemã do século XVI e mais cedo ainda, os camponeses rebelados deram sempre seu apoio a uma das frações da burguesia das cidades, permitindo-lhe, muitas vezes, alcançar a vitória. Assim também, considerava eu que, em nossa revolução burguesa retardada, os camponeses, no momento supremo da luta, podiam prestar um auxílio análogo ao proletariado e ajudá-lo a tomar o poder. Cheguei, assim, à conclusão de que a nossa revolução burguesa - só podia realizar de fato as suas tarefas no caso de o proletariado, apoiado pelos milhões de camponeses, concentrar em suas mãos a ditadura revolucionária.

Qual seria o conteúdo social dessa ditadura? Antes de mais nada, sua missão consistiria em levar até o fim a revolução agrária e a reconstrução democrática do Estado.

Em outras palavras, a ditadura do proletariado tornar-se-ia a arma com a qual seriam alcançados os objetivos históricos da revolução burguesa retardatária. Mas esta não poderia ser contida aí. No poder, o proletariado seria obrigado a fazer incursões cada vez mais profundas no domínio da propriedade privada em geral, ou seja, empreender o rumo das medidas socialistas.

- Mas, realmente acreditais que a Rússia já esteja madura para uma revolução socialista? - objetaram-se muitas vezes os Stalin, Rykov⁽⁵⁾ e outros Mólotov⁽⁶⁾ dos anos 1905-1917. Sempre respondi: não, não creio. Contudo, a economia mundial e a economia europeia em particular estão perfeitamente maduras para esta revolução. A ditadura do proletariado na Rússia nos conduzirá ou não ao socialismo? Em que ritmos e por quais etapas? Tudo isso dependerá do comportamento futuro do capitalismo europeu e mundial.

Eis aqui os traços essenciais da revolução permanente, tal como ela se constituiu nos primeiros meses do ano de 1905. Três revoluções ocorreram depois. O proletariado russo chegou ao poder, levado pela poderosa vaga de uma insurreição camponesa. A ditadura do proletariado tomou-se um fato consumado na Rússia antes de surgir em outros países, incomparavelmente mais desenvolvidos.

Em 1924, sete anos após a fulgurante confirmação do prognóstico histórico da teoria da revolução permanente, os epígonos desencadearam contra ela uma furiosa campanha, destacando dos meus velhos escritos frases truncadas e réplicas polêmicas que eu mesmo já havia completamente esquecido depois de tanto tempo.

A esta altura, é bom lembrar que a primeira revolução russa irrompe pouco mais de meio século após a época das revoluções burguesas na Europa e trinta e cinco anos depois da insurreição da Comuna de Paris. A Europa já havia perdido o hábito das revoluções. A Rússia as desconhecia completamente. Todos os problemas da revolução se formulavam em novos termos. É fácil compreender que a revolução que se aproximava representava~então para nós uma massa de elementos desconhecidos ou duvidosos. As fórmulas de todos os grupos não

passavam, em suma de hipóteses teses de trabalho. É preciso ser totalmente incapaz de fazer um prognóstico histórico e compreender seus métodos para considerar, hoje, as avaliações e análises de 1905 como se elas datassem de ontem. Não raro digo a mim mesmo e freqüentemente repito aos meus amigos: sem dúvida nos meus prognósticos de 1905 houve grandes lacunas muito fáceis de perceber, agora, após o fato consumado. Por ventura, todos os meus críticos os previram melhor do que eu e com maior alcance? Não tendo tido oportunidade de reler meus antigos trabalhos, admitia, antecipadamente, que eles continham falhas muito graves e importantes do que na realidade apresentavam. Disso me convenci, em 1928, durante meu exílio em Alma-Ata, onde o repouso político forçado me deu o tempo necessário para reler e anotar meus velhos escritos consagrados ao problema da revolução permanente. Confio em que o leitor chegue à mesma conclusão após ler a exposição que se segue.

Embora mantendo-me nos limites desta introdução, é necessário, contudo, caracterizar, tão exatamente quanto possível, os elementos componentes da teoria da revolução permanente e as principais objeções que lhe fazem. A discussão de tal forma se ampliou e se aprofundou que abarca, em suma, todas as questões mais importantes do movimento revolucionário mundial.

A revolução permanente, na concepção de Marx significa uma revolução que não transige com nenhuma forma de dominação de classe, que não se detém no estágio democrático e, sim, passa para as medidas socialistas e a guerra contra a reação exterior, uma revolução na qual cada etapa está contida em germe na etapa precedente, e só termina com a liquidação total da sociedade de classes.

Para dissipar a confusão criada em relação à teoria da revolução permanente, é preciso distinguir três categorias de idéias que se unem e se fundem nela. De início, compreende o problema da passagem da revolução democrática à revolução socialista. Eis basicamente sua origem histórica.

A idéia da revolução permanente foi formulada pelos grandes comunistas dos meados do século XIX, Marx e seus discípulos, para enfrentar a ideologia burguesa que, como se sabe, pretende que, após o estabelecimento de um Estado "nacional" ou democrático, todas as questões podem ser resolvidas pela via pacífica da evolução e das reformas, Marx não considera a revolução burguesa de 1848. senão como o prólogo imediato da revolução proletária.

Marx se "enganou". Mas seu erro era um erro de fato, não um erro de metodologia. A revolução de 1848 não se transformou em revolução socialista. Esta foi a razão pela qual não alcançou o triunfo da democracia. Quanto à revolução alemã de 1918, não era absolutamente o coroamento democrático de uma revolução burguesa: era uma revolução proletária decapitada pela social-democracia, para ser mais exato, pela contra-revolução que, após sua vitória sobre o proletariado, foi obrigada a conservar as falaciosas aparências de democracia.

Segundo o esquema da evolução histórica elaborado pelo "marxismo" vulgar, cada sociedade chega, cedo ou tarde, a um regime democrático; então, o proletariado se organiza e faz sua educação socialista nesse ambiente favorável. Entretanto, no que concerne à passagem ao socialismo, nem todos a concebiam de modo idêntico: os reformistas confessos a encaravam sob aspecto de reformas que dariam a democracia um conteúdo socialista (Jaurès); os revolucionários formais - reconheciam o caráter inelutável da violência revolucionária no momento da passagem ao socialismo (Guesde). Mas, tanto uns como outros, consideravam a democracia e o socialismo, em todos os povos e em todos os países, como duas etapas não somente distintas, mas também muito distantes uma da outra na evolução social. Esta idéia predominava, de igual modo, entre os marxistas russos que, em 1905, pertenciam quase todos à ala esquerda da Segunda Internacional. Plekhánov, o brilhante fundador do marxismo russo, considerava como louca a idéia da possibilidade de uma ditadura proletária na Rússia contemporânea. Este ponto de vista era compartilhado não somente pelos mencheviques, mas também pela esmagadora maioria dos dirigentes bolcheviques, em particular pelos atuais condutores do partido. Eles eram então democratas revolucionários convictos, mas os problemas da revolução socialista lhes pareciam, tanto em 1905 como em véspera de 1917, o prelúdio obscuro de um futuro ainda longínquo.

A teoria da revolução permanente, renascendo em 1905, declarou guerra a esta ordem de idéias e a essa disposição de espírito.

Ela demonstrava que, em nossa época, o cumprimento das tarefas democráticas, proposto pelos países burgueses atrasados, conduzia diretamente à ditadura do proletariado, que coloca as tarefas socialistas na ordem do dia. Nisto consistia a idéia fundamental da teoria. Enquanto a opinião tradicional

considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passa por um longo período de democracia, a teoria da revolução permanente proclamava que para os países atrasados, o caminho para a democracia passa a ditadura do proletariado. Por conseguinte, a democracia era considerada não como um fim em si, que deveria durar dezenas de anos, mas como o prólogo imediato da revolução socialista, à qual se ligava por vínculo indissolúvel. Desta maneira, tornava-se permanente o desenvolvimento revolucionário que ia da revolução democrática à transformação socialista da sociedade.

Em seu segundo aspecto, a "teoria da revolução permanente" caracteriza a própria revolução socialista. Durante um período, cuja duração é indeterminada, todas as relações sociais se transformam no transcurso de uma luta interior contínua. A sociedade não faz senão mudar de pele, sem cessar. Cada fase de reconstrução decorre diretamente da precedente. Os acontecimentos que se desenrolam guardam, necessariamente, caráter político, dado que assumem a forma de choques entre os diferentes grupos da sociedade em transformação. As explosões da guerra civil e das guerras externas se alternam com os períodos de reformas "pacíficas". As profundas transformações na economia, na técnica, na ciência, na família, nos hábitos e nos costumes, completando-se, formam combinações e relações recíprocas de tal modo complexas que a sociedade não pode chegar a um estado de equilíbrio. Nisso se revela o caráter permanente da própria revolução socialista.

Em seu terceiro aspecto, a teoria da revolução permanente implica o caráter internacional da revolução socialista que resulta do estado da economia e da estrutura social da humanidade. O internacionalismo não é um princípio abstrato: ele não é senão o reflexo político e teórico do caráter mundial da economia, do desenvolvimento mundial das forças produtivas e do ímpeto mundial da luta de classes. A revolução socialista começa no âmbito nacional mas nele não pode permanecer. A revolução proletária não pode ser mantida em limites nacionais senão sob a forma de um regime transitório, mesmo que este dure muito tempo, como o demonstra o exemplo da União Soviética. No caso de existir uma ditadura proletária isolada, as contradições internas e externas aumentam inevitavelmente e ao mesmo passo que os êxitos. Se o Estado proletário continuar isolado, ele, ao cabo, sucumbirá vítima dessas contradições. Sua salvação reside unicamente na vitória do proletariado dos países avançados. Deste ponto de vista, a revolução nacional não constitui um

fim em si, apenas representa um elo da cadeia internacional. A revolução internacional, a despeito de seus recuos e refluxos provisórios, representa um processo permanente.

A campanha dos epígonos é dirigida (sem ter, contudo, sempre o mesmo grau de clareza), contra os três aspectos da teoria da revolução permanente. O que é muito natural, pois se trata de três partes indissolivelmente ligadas e formando um todo. Os epígonos separam, mecanicamente, a ditadura democrática da ditadura socialista, do mesmo modo que separam a revolução socialista nacional da revolução internacional. Para eles, a conquista do poder nos quadros nacionais representa, na essência, não o ato inicial mas sim o ato final da revolução: em seguida se abre o período de reformas que culmina na sociedade socialista nacional.

Em 1905, nem mesmo admitiam a possibilidade de o proletariado russo conquistar o poder antes de o proletariado da Europa ocidental fazê-lo. Em 1917, eles pregavam a revolução democrática na Rússia como um fim em si e repeliam a idéia da ditadura do proletariado. Em 1925-1927, na China, orientaram-se rumo a uma revolução nacional sob a direção da burguesia. Eles lançaram, em seguida, para a China, a palavra de ordem da ditadura democrática dos operários e camponeses, opondo-se à ditadura do proletariado. Proclamavam ser perfeitamente possível construir na União Soviética uma sociedade socialista isolada, bastando-se a si mesma. A revolução mundial, deixando de ser uma condição indispensável para o triunfo do socialismo, torna-se para eles, apenas, uma circunstância favorável. Os epígonos chegam assim a esta ruptura profunda com o marxismo no curso de sua luta permanente contra a teoria da revolução permanente.

Esta luta, iniciada pela ressurreição artificial de certas reminiscências históricas e pela falsificação do passado longínquo, levou a uma revisão completa das idéias do grupo dirigente da revolução. Já explicamos muitas vezes que esta revisão dos valores foi provocada pelas necessidades sociais da burocracia soviética: tornando-se cada vez mais conservadora, ela aspirava a uma ordem mundial estável; desejava que a revolução terminada, tendo-lhe assegurado uma situação privilegiada, fosse suficiente para a construção pacífica do socialismo e reclamava a consagração desta tese. Não retornaremos mais a esta questão; limitar-nos-emos a acentuar que a burocracia está

perfeitamente consciente da ligação que existe entre suas posições materiais e ideológicas e a teoria do socialismo nacional. É precisamente agora que isto se torna bem mais claro, talvez porque o aparelho estalinista, assaltado por contradições que não havia previsto, se desloca cada vez mais para a esquerda e desfere golpes sensíveis em seus inspiradores de ontem, pertencentes à direita. Como se sabe, a hostilidade dos burocratas com respeito à oposição marxista, da qual tomaram emprestadas, apressadamente, as palavras de ordem e os argumentos, não se abrandou nem um pouco. Quando os opositoristas, querendo dar apoio à política de industrialização, suscitam a questão de sua reintegração no partido, se lhes pede, antes de tudo, renegar a teoria da revolução permanente e reconhecer, mesmo por via indireta, a teoria do socialismo num só país. Com isso, a burocracia estalinista põe à mostra o caráter puramente tático de sua reviravolta à esquerda, deixando contudo íntegras as bases estratégicas de seu nacional-reformismo. A importância deste fato é evidente: em política, como na guerra, a tática, ao final de contas, se subordina à estratégia.

A questão de que tratamos já ultrapassou, há muito tempo, os quadros da luta contra o "trotskismo". Estendendo-se cada vez mais, envolve, agora, literalmente, todos os problemas da ideologia revolucionária. Revolução permanente ou socialismo num só país. eis a alternativa em que se encontram os problemas internos da União Soviética, as perspectivas das revoluções no Oriente e, finalmente, a sorte de toda a Internacional Comunista⁽⁷⁾.

Esta obra não trata da questão sob todos os seus diferentes aspectos, pois não é necessário repetir o que já ficou dito nos outros trabalhos do autor. Procurei demonstrar, do ponto de vista teórico, a falência econômica e política do nacional-socialismo em minha *Critica do Programa da Internacional Comunista*. Os teóricos da Internacional Comunista não disseram uma só palavra a respeito. Era, aliás, a única coisa que lhes restava fazer. No presente livro, reconstituo, antes de mais nada, a teoria da revolução permanente, tal como foi formulada em 1905, tendo em vista os problemas internos da revolução russa. Mostro, em seguida, em que diferia da de Lênin a minha maneira de colocar a questão, e como e por que coincidiu com a sua nos momentos decisivos. Trato, finalmente, de demonstrar a importância decisiva que tem o problema de que nos ocupamos para o proletariado dos países atrasados e, por conseguinte, para toda a Internacional Comunista.

Que acusações formularam os epígonos contra a teoria da revolução permanente? Deixando de lado as inúmeras contradições de meus críticos, chegamos a tirar, de sua enorme produção literária, os pontos essenciais seguintes:

1. Trotsky desconhecia a diferença entre a revolução burguesa e a revolução socialista. Ainda em 1905, acreditava que o proletariado russo tivesse diante de si, como tarefa imediata, a revolução socialista;

2. Trotsky esquecia completamente o problema agrário. Para ele, o camponês não existia. Imaginava a revolução como um duelo entre o proletariado e o czarismo;

3. Trotsky não acreditava que a burguesia mundial tolerasse a existência um tanto prolongada da ditadura do proletariado russo, cuja queda considerava inevitável no caso de o proletariado do Ocidente não conseguir conquistar o poder, no mais breve prazo, para prestar-nos o seu apoio. Trotsky subestimava, assim, a pressão que o proletariado do Ocidente podia exercer sobre a sua burguesia;

4. Trotsky, de modo geral, não tem confiança nas forças do proletariado russo, julgando-o incapaz de construir o socialismo com seus próprios recursos fundava, por conseguinte, e continua a fundar todas as suas esperanças na revolução internacional.

Essas acusações se repetem através dos inúmeros escritos e discursos de Zinoviev, Stalin, Bukhárin e outros; chegam mesmo a ser formuladas nas resoluções mais importantes do Partido Comunista russo e da Internacional Comunista. Mas, apesar disso, somos obrigados a constatar que o seu único fundamento é a ignorância aliada à má fé.

Como vou demonstrar mais adiante, as duas primeiras afirmações dos críticos são fundamentalmente falsas. Eu partia do caráter burguês e democrático da revolução russa e chegava à conclusão de que, a própria acuidade da crise agrária poderia levar ao poder o proletariado da Rússia atrasada. Era precisamente essa idéia que eu defendia nas vésperas da revolução de 1905. Era essa a idéia encerrada na denominação de revolução permanente,

isto é, ininterrupta, passando imediatamente da fase burguesa à fase socialista. Para exprimir a mesma idéia Lênin adotou mais tarde a excelente expressão de transcrescimento da revolução burguesa em revolução socialista. Stalin, considerando a revolução permanente como um salto único do reino da autocracia para o reino do socialismo, opôs-lhe em 1924, antedatando-a, essa idéia de transcrescimento. O infortunado "teórico" nem mesmo se deu ao trabalho de refletir sobre o que poderia significar a permanência, isto é, a continuidade ininterrupta da revolução, se se tratasse de um salto Único?

Quanto à terceira acusação, foi ela ditada pela esperança, de curta duração, que os epígonos fundavam na possibilidade de neutralizar a burguesia imperialista por um tempo ilimitado, mediante a pressão "sabiamente" organizada do proletariado. Foi essa a idéia central de Stalin, de 1924 a 1927. O Comitê Anglo-Russo foi o seu resultado. Decepcionados em sua esperança de poder amarrar a burguesia mundial com a ajuda de aliados como Purcell, Raditch, Lafollette e Chang-Cai-Chec, os epígonos tomaram-se de pânico diante do perigo de uma guerra iminente. A Internacional Comunista atravessa, ainda hoje, esse período.

O quarto argumento contra a teoria da revolução permanente reduz-se, muito simplesmente, à constatação de que, em 1905, eu não era partidário da teoria do socialismo num só país, que Stalin só fabricou, para uso da burocracia soviética, em 1924. Essa acusação é uma verdadeira farsa histórica. A dar-lhes ouvidos, seria preciso acreditar que os meus adversários - se é que, em 1905, eram eles capazes de reflexões políticas - pensassem, nessa época, que a Rússia estava madura para uma revolução socialista independente. Na realidade, no curso dos anos de 1905-1917, não cessaram de me acusar de utopismo, porque eu admitia a possibilidade da tomada do poder pelo proletariado russo antes do proletariado da Europa ocidental. Em abril de 1917 Kaménev e Rykov acusaram Lênin de utopismo e lhe ensinaram, sob uma forma popular, que a revolução socialista devia realizar-se, primeiro, na Inglaterra e em outros países adiantados, e que a vez da Rússia só viria mais tarde. Até 4 de abril de 1917, Stalin teve também esse ponto de vista. Foi só com muita dificuldade e gradualmente que ele assimilou a fórmula de Lênin que opunha a ditadura do proletariado à ditadura democrática. Na primavera de 1924, Stalin ainda repetia, com os demais, que a Rússia, considerada isoladamente, não estava madura para a edificação de uma sociedade socialista. Mas, já no outono do

mesmo ano, no curso de sua luta contra a teoria da resolução permanente, Stalin descobriu, pela primeira vez, que era possível construir o socialismo isolado na Rússia. Depois disso, os professores vermelhos fizeram, para o seu uso, uma coletânea de citações destinadas a provar que, em 1905, Trotsky afirmava - que horror! - que a Rússia não podia chegar ao socialismo sem o auxílio do proletariado ocidental.

Mesmo pegando a história de todas as lutas ideológicas travadas no período de um quarto de século, picando-a com uma tesoura, pisando depois os pedacinhos num pilão, e encarregando, em seguida, um cego de os colar novamente, ainda assim, talvez não se conseguisse obter uma mixórdia teórica e política tão monstruosa como a que os epígonos oferecem aos seus leitores e ouvintes.

Para demonstrar mais claramente a ligação existente entre os problemas de ontem e os de hoje, somos obrigados a recordar aqui, embora sucintamente, o que os dirigentes da Internacional Comunista, isto é, Stalin e Bukhárin, fizeram na China.

Em 1924 reconheceu-se o papel dirigente da burguesia chinesa, sob o pretexto de que a China estava em vésperas de uma revolução Libertadora nacional. O partido da burguesia nacional, o Cuomintang⁽⁸⁾, foi, então oficialmente reconhecido como partido dirigente. Os próprios mencheviques russos, em 1905, não ousaram fazer tais concessões ao Partido Constitucional Democrático (os "cadetes"), que era o partido da burguesia nacional.

Mas, os dirigentes da Internacional Comunista foram além. Forçaram o Partido Comunista chinês a fazer parte do Cuomintang e a se submeter à sua disciplina. Telegramas especiais de Stalin recomendaram que os comunistas chineses contivessem o movimento agrário. Proibiu-se que os operários e os camponeses revolucionários criassem Sovietes, por medo de criar suspeitas em Chang-Cai-Chec, defendido por Stalin, contra a Oposição, ainda no começo de abril de 1927, poucos dias antes do golpe de Estado de Xangai, e por ele proclamado "aliado fiel" numa reunião do Partido em Moscou.

A subordinação oficial do Partido Comunista à direção burguesa e a interdição oficial de criar Sovietes (Stalin e Bukhárin ensinaram que o Cuomintang "substituía" os Sovietes) constituem uma traição muito mais chocante e mais grosseira ao marxismo do que toda a atividade dos mencheviques de 1905 a 1917.

Em abril de 1927, depois do golpe de Estado de Chang-Cai-Chec, uma ala esquerda liderada por Vang-Tin-Vei, desligou-se provisoriamente do Cuomintang, O Pravda não deixou de proclamar imediatamente que Vang-Tin-Vei era um "aliado fiel". Na realidade, Vang-Tin-Vei representava, em relação a Chang-Cai-Chec, a mesma coisa que Kerensky⁽⁹⁾ em relação a Miliukov, com a diferença de que, na China, Miliukov⁽¹⁰⁾ e Kornilov⁽¹¹⁾ estavam reunidos na mesma pessoa de Chang-Cai-Chec.

Em lugar de preparar a guerra aberta contra esse Kerensky chinês, ordenou-se que o Partido Comunista chinês, depois de abril de 1927, entrasse no Cuomintang de "esquerda" e se submetesse à disciplina de Vang-Tin-Vei. Esse amigo "fiel" destruiu o Partido Comunista e, ao mesmo tempo, o movimento operário e camponês, nada ficando a dever aos processos do bandido Chang-Cai-Chec, proclamado aliado fiel por Stalin.

Ainda que em 1905 e mais tarde, sustentassem Miliukov, os mencheviques não chegaram a entrar no partido liberal. Embora aliados de Kerensky em 1917, conservaram, no entanto, a sua própria organização. A política de Stalin na China não passou,~pois~. de má caricatura do próprio menchevismo. Tal foi o primeiro e mais importante período da revolução chinesa.

Quando, depois, as conseqüências dessa política - deperecimento completo do movimento operário e camponês, desmoralização e ruína do Partido Comunista - se tornaram muito evidentes os dirigentes da Internacional Comunista lançaram uma nova ordem:

"Meia-volta à esquerda!" e exigiram. a revolta armada imediata dos operários e camponeses. Foi assim que o jovem Partido Comunista, já meio esmagado e estropiado, tendo sido, havia pouco, apenas a quinta roda do carro de Chang-Cai-Chec e de Vang-Tin-Vei, e, por conseguinte, sem experiência política, recebeu a ordem inesperada de conduzir os operários e os camponeses, até então retidos pela Internacional Comunista sob a bandeira do Cuomintang,

à ofensiva contra esse mesmo Cuomintang que tivera todo o tempo necessário para concentrar em suas mãos o poder e o exército. No espaço de vinte e quatro horas, um Soviete fictício foi improvisado em Cantão. Essa insurreição armada foi preparada, de antemão, de maneira a coincidir com a abertura do XV Congresso do Partido Comunista da União Soviética: e foi não só a prova do heroísmo da vanguarda dos operários chineses, como o testemunho dos erros criminosos dos dirigentes da Internacional Comunista. A insurreição de Cantão foi precedida e seguida de outras aventuras menos importantes. Tal foi o segundo capítulo da estratégia chinesa da Internacional Comunista, estratégia que se poderia definir como má caricatura do bolchevismo.

Nessas duas finalidades, de liberal-oportunismo e de espírito de aventura, foi desfechado um golpe no Partido Comunista chinês, do qual só poderá refazer-se depois de uma série de anos e, ainda assim, se realizar uma política justa.

Cabia ao VI Congresso da internacional Comunista fazer o balanço de toda essa atividade; ele aprovou-a inteiramente, o que é muito compreensível: só fora convocado para isso. E, para o futuro, lançou a fórmula de "ditadura democrática dos operários e dos camponeses". Nunca explicaram, porém, aos comunistas chineses, que diferença poderia existir entre essa ditadura e a do Cuomintang de direita ou de esquerda, de um lado, e a ditadura do proletariado, de outro lado. É verdade que isso continua inexplicável.

Ao mesmo tempo que lançou a palavra de ordem de ditadura democrática, o VI Congresso declarou inadmissíveis palavras de ordem democráticas como a Assembléia Constituinte, o sufrágio universal, a liberdade de imprensa e de reunião etc., deixando o Partido Comunista chinês completamente desarmado diante da ditadura da oligarquia militar. No entanto durante longos anos, os bolcheviques russos mobilizaram os operários e os camponeses em torno dessas palavras de ordem democráticas, que desempenharam, em 1917, um papel imenso. Só mais tarde, quando o poder soviético, já sendo uma realidade, entrou em colisão política violenta com a Assembléia Constituinte, aos olhos de todo o povo, é que o nosso partido suprimiu as instituições e palavras de ordem da democracia formal ou burguesa, em proveito da democracia real, soviética ou proletária.

O VI Congresso da Internacional Comunista baralhou tudo isso. Continuando a impor ao partido chinês a palavra de ordem de ditadura "democrática," em lugar da ditadura "proletária", proibiu-lhe, ao mesmo tempo, o uso das palavras de ordem democráticas que servem para preparar essa ditadura. O partido chinês se viu, assim, não só desarmado, mas completamente desprevenido.

Como consolo, permitiu-se, finalmente, que ele lançasse, no momento do domínio absoluto da contra-revolução, essa mesma palavra de ordem de "Sovietes" que lhe fora proibida quando se desenvolvia o movimento revolucionário. O herói de um conto popular russo entoava alegres canções nupciais nos enterros e cantos fúnebres nas festas de casamento: em ambos os casos sai sempre apanhando. Se quem apanhasse fossem apenas os estrategistas que dirigem atualmente a Internacional Comunista, a coisa não teria muita gravidade. O que está em jogo é, porém, coisa muito maior: trata-se nada menos que da sorte do proletariado. A tática da Internacional Comunista não foi outra coisa senão uma sabotagem inconsciente, mas bem organizada, da revolução chinesa. E isso se realizou de forma tanto mais segura quanto a Internacional Comunista cobriu, de 1924 a 1927, toda a sua política menchevique de direita, com a autoridade do bolchevismo, enquanto o poder soviético, por meio do seu poderoso mecanismo de represália, a defendia contra as críticas da Oposição de Esquerda.

Temos, afinal de contas, diante de nós, uma perfeita experiência da estratégia de Stalin, desenvolvida, do princípio ao fim, sob o signo da luta contra a teoria da revolução permanente. É muito natural, portanto, que o principal teórico de Stalin, encarregado de defender a submissão do Partido Comunista chinês ao Cuomintang nacional-burguês, tenha sido Martinov, que foi também o principal crítico menchevique da teoria da revolução permanente, durante o período de 1905 a 1923: a partir desse último ano, continuou ele a cumprir sua missão histórica, mas, já então, nas fileiras bolcheviques!⁽¹²⁾

Sobre a origem desta obra, encontra-se o essencial no primeiro capítulo.

Em Alma-Ata, começara eu a preparar um livro teórico e polêmico contra os epígonos. Grande parte desse livro devia ser consagrada à teoria da revolução permanente. No curso do meu trabalho, recebi de Rádek, sobre o mesmo assunto, um manuscrito onde ele opunha a "revolução permanente" à linha

estratégica de Lênin. Rádek precisava dessa saída, à primeira vista surpreendente, pela simples razão de que também se achava completamente atolado na política chinesa de Stalin: não só antes, como depois do golpe de Estado de Chang-Cai-Chec, Rádek, do mesmo modo que Zinoviev, invocava a necessidade da submissão do Partido Comunista chinês ao Cuomintang. Para justificar essa sujeição do proletariado à burguesia, apelava Rádek - nem era preciso dizer - para a necessidade de união com os camponeses, e me censurava por ter "subestimado" essa necessidade. Seguindo o exemplo de Stalin, servia-se ele da terminologia bolchevique para defender uma política menchevique, procurando ocultar, com a fórmula da ditadura do proletariado e dos camponeses, o fato de que o proletariado chinês estava sendo desviado da luta pelo poder, luta que devia travar à frente das massas camponesas. Quando eu desmascarei toda essa mistificação de idéias, Rádek⁽¹³⁾ experimentou a violenta necessidade de demonstrar que a minha luta contra o oportunismo disfarçado com citações de Lênin resultava, muito simplesmente, da contradição existente entre a teoria da revolução permanente e o leninismo. E transformou a defesa dos seus próprios pecados num libelo de promotor público contra a revolução permanente. Essa intervenção serviu-lhe para preparar o caminho da própria capitulação. Desconfiei disso tanto mais que nos anos precedentes, ele mesmo se propusera escrever uma brochura para defender a teoria da revolução permanente. No entanto, absteve-me ainda de considerar Rádek um homem perdido. Procurei, então, responder ao seu artigo de uma maneira nítida e categórica, mas deixando-lhe o caminho livre para a retirada. Publico, mais adiante, minha resposta a Rádek, tal como foi redigida na época, acrescentando apenas algumas notas explicativas e correções de estilo.

O artigo de Rádek não foi publicado e duvido muito que ainda o seja um dia, porque, sob a sua forma de 1928, não poderia passar pela peneira da censura de Stalin. Tal publicação seria, hoje, aliás, mortal para Rádek, pois daria um quadro muito expressivo de sua evolução ideológica, que lembra muito a "evolução" de um homem que se precipita de um sexto andar ao chão.

O ponto de partida deste livro explica por que Rádek ocupa aí um lugar mais importante do que o que teria direito a pretender. Rádek não pôde inventar um só argumento novo contra a teoria da revolução permanente. Sua atitude é a de um epígono dos epígonos. Recomendamos, pois, que o leitor veja em Rádek, não apenas Rádek, mas o representante de uma espécie de firma

coletiva, à qual ele se associou, com direitos limitados, ao preço de sua renúncia ao marxismo. Se Rádek achar, todavia, que é muito elevada a quantidade de cascudos com que o mimoseio, poderá distribuí-los, à vontade, entre os que mais os merecem. 12 um negócio interno da firma. Quanto a mim, não vejo inconveniente nisso.

Vários grupos do Partido Comunista alemão chegaram ao poder⁽¹⁴⁾ ou por ele lutaram, demonstrando sua capacidade de dirigir por meio de exercícios críticos sobre a revolução permanente. Mas, toda essa literatura, cujos autores são Máslov⁽¹⁵⁾, Talheimer⁽¹⁶⁾ e outros, desceu a um nível tão lamentável que não vale o trabalho de uma réplica crítica. Os Thaelmann⁽¹⁷⁾, os Remmele e outros caudilhos ultimamente nomeados estão ainda mais baixo. A única coisa que tais críticos puderam demonstrar é que nem sequer transpuseram o umbral do problema. Deixo-os, por isso... no umbral. Quem for capaz de se interessar pela crítica teórica de Máslov, Talheimer e outros, que recorra, depois de ler este livro, aos escritos dos autores mencionados, para se convencer, então, de sua ignorância e falta de escrúpulos. Esse resultado será, por assim dizer, um produto acessório do trabalho que oferecemos ao leitor.

Prínkipo, 30 de Novembro de 1929

L. TROTSKY

O Que é Afinal a Revolução Permanente (Teses)

Espero que o leitor não ache inconveniente em que, antes de terminar este trabalho, procure formular minhas conclusões essenciais de maneira concisa e sem receio de repetir.

1. A teoria da revolução permanente exige, na atualidade, a maior atenção da parte de todo marxista, uma vez que o desenvolvimento da luta ideológica e a da luta de classe fez o problema sair definitivamente do domínio das recordações de velhas divergências entre os marxistas russos, para apresenta-lo

em ligação com o caráter, os laços internos e os métodos da revolução internacional em geral.

2. Para os países de desenvolvimento burguês retardatário e, em particular, para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a solução verdadeira e completa de suas tarefas democráticas e nacional-libertadoras só é concebível por meio da ditadura do proletariado, que, assume a direção da nação oprimida e, antes de tudo, de suas massas camponesas.

3. Tanto a questão agrária como a questão nacional conferem ao campesinato, como enorme maioria da população dos países atrasados, um papel primordial na revolução democrática. Sem a aliança entre o proletariado e o campesinato, as tarefas da revolução democrática não podem ser resolvidas, nem mesmo ser colocadas a sério. Essa aliança das duas classes, porém, só se realizará numa luta implacável contra a influência da burguesia nacional-liberal.

4. Quaisquer que sejam as primeiras etapas episódicas da revolução nos diferentes países, a aliança revolucionária do proletariado com os camponeses só é concebível sob a direção política da vanguarda proletária organizada como partido comunista. Isto significa, por outro lado, que a vitória da revolução democrática só é concebível por meio da ditadura do proletariado apoiada em sua aliança com os camponeses e destinada, em primeiro lugar, a resolver as tarefas da revolução democrática.

5. Do ponto de vista histórico, a velha palavra de ordem bolchevique de "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses" exprimia exatamente as relações, acima caracterizadas, entre o proletariado, o campesinato e a burguesia liberal. Isso foi demonstrado pela experiência de Outubro. No entanto, a antiga fórmula de Lênin não previa quais seriam as relações políticas recíprocas entre o proletariado e o campesinato dentro do bloco revolucionário. Por outras palavras: a fórmula admitia, conscientemente, certo número de elementos algébricos que, no curso da experiência histórica, deviam dar lugar a elementos aritméticos mais precisos. E a experiência mostrou, em circunstâncias que excluem qualquer outra interpretação, que o papel do campesinato, por maior que seja a sua importância revolucionária, não pode ser independente nem, muito menos, dirigente. O camponês segue o operário ou o burguês. Isso significa que a "ditadura democrática do proletariado e dos

camponeses" só e concebível como ditadura do proletariado arrastando atrás de si as massas camponesas.

6. Uma ditadura democrática do proletariado e dos camponeses, como regime diferente, quanto ao conteúdo de classe, da ditadura do proletariado, só seria realizável se pudesse existir um partido revolucionário independente que exprimisse os interesses da democracia camponesa e pequeno-burguesa em geral e, com o auxílio do proletariado, fosse capaz de conquistar o poder e determinar o seu programa revolucionário. A experiência de toda a história contemporânea e, sobretudo, da história da Rússia no transcurso dos vinte e cinco últimos anos, nos mostra qual é o obstáculo intransponível que se opõe à formação de um partido camponês. É a falta de independência econômica e política da pequena burguesia (campesinato) e a sua profunda diferenciação interna que permitem a aliança de suas camadas superiores com a grande burguesia por ocasião dos acontecimentos decisivos, sobretudo por ocasião das guerras e das revoluções, enquanto as camadas inferiores se aliam ao proletariado, obrigando as camadas médias a escolher entre as duas forças. Entre o regime de Kerensky e o poder bolchevique, entre o Cuomintang e a ditadura do proletariado, não há nem pode haver nenhum regime intermediário, isto é, nenhuma ditadura democrática dos operários e dos camponeses.

7. Só pode ter um sentido reacionário a tendência da Internacional Comunista a impor, hoje, aos países do Oriente, a palavra de ordem de ditadura do proletariado e dos camponeses, há tanto tempo superada pela história. Oposta à de ditadura do proletariado, essa palavra de ordem contribui, politicamente, para a dissolução e a decomposição do proletariado nas massas pequeno-burguesas, criando, assim, condições favoráveis à hegemonia da burguesia nacional e, por conseguinte, à falência e ao desmoronamento da revolução democrática. Introduzir essa palavra de ordem no programa da Internacional Comunista só pode significar a traição ao marxismo e às tradições bolcheviques de Outubro.

8. A ditadura do proletariado, que sobe ao poder como força dirigente da revolução democrática, será colocada, inevitável e muito rapidamente, diante de tarefas que a levarão a fazer incursões profundas no direito burguês da propriedade. No curso do seu desenvolvimento, a revolução democrática se

transforma diretamente em revolução socialista, tornando-se, pois, uma revolução permanente.

9. Em lugar de pôr termo à revolução, a conquista do poder pelo proletariado apenas a inaugura. A construção socialista só é concebível quando baseada na luta de classe em escala nacional e internacional. Dada a dominação decisiva das relações capitalistas na arena mundial, essa luta não pode deixar de acarretar erupções violentas: no interior, sob a forma de guerra civil; no exterior, sob a forma de guerra revolucionária. É nisso que consiste o caráter permanente da própria revolução socialista, quer se trate de um país atrasado que apenas acabou de realizar sua revolução democrática, quer se trate de um velho país capitalista que já passou por um longo período de democracia e de parlamentarismo.

10. A revolução socialista não pode realizar-se nos quadros nacionais. Uma das principais causas da crise da sociedade burguesa reside no fato de as forças produtivas por ela engendradas tenderem a ultrapassar os limites do Estado nacional. Daí as guerras imperialistas, de um lado, e a utopia dos Estados Unidos burgueses da Europa, de outro lado. A revolução socialista começa no terreno nacional, desenvolve-se na arena internacional e termina na arena mundial. Por isso mesmo, a revolução socialista se converte em revolução permanente, no sentido novo e mais amplo do termo: só termina com o triunfo definitivo da nova sociedade em todo o nosso planeta.

11. O esquema, acima traçado, do desenvolvimento da revolução mundial elimina a questão dos países "maduros" ou "nãomaduros" para o socialismo, segundo a classificação pedante e rígida que estabelece o programa atual da Internacional Comunista.

Com a criação do mercado mundial, da divisão mundial do trabalho e das forças produtivas mundiais, o capitalismo preparou o conjunto da economia mundial para a reconstrução socialista.

Os diferentes países chegarão ao socialismo com ritmos diferentes. Em determinadas circunstâncias, certos países atrasados podem chegar à ditadura do proletariado antes dos países avançados, ~mas só depois destes chegarão eles ao socialismo.

Um país atrasado, colonial ou semicolonial, cujo proletariado não esteja bastante preparado para conduzir o campesinato e conquistar o poder é, por isso mesmo, incapaz de levar a bom termo sua revolução democrática. Por outro lado, num país em que o proletariado chegue ao poder em virtude de uma revolução democrática, o destino ulterior da ditadura e do socialismo dependerá, afinal, menos das forças produtivas nacionais do que do desenvolvimento da revolução socialista internacional.

12. A teoria do socialismo num só país, brotada no estrume da reação contra Outubro, é a única que se opõe, de maneira conseqüente e definitiva, à teoria da revolução permanente.

Ao tentarem os epígonos, compelidos pela crítica, limitar à Rússia a aplicação da teoria do socialismo num só país, por causa de suas peculiaridades (extensão territorial e riquezas naturais), as coisas só fazem piorar, em lugar de melhorar. A renúncia à atitude internacionalista conduz, inevitavelmente, ao messianismo nacional, isto é, ao reconhecimento de vantagens e qualidades peculiares ao país, capazes de lhe conferir um papel que os demais países não poderiam desempenhar.

A divisão mundial do trabalho, a subordinação da indústria soviética à técnica estrangeira, a dependência das forças produtivas dos países avançados em relação às matérias primas asiáticas etc., etc., tornam impossível a construção de uma sociedade socialista autônoma e isolada em qualquer região do mundo.

13. A teoria de Stalin-Bukhárin não só opõe, mecanicamente, e a despeito de toda a experiência das revoluções russas, a revolução democrática à revolução socialista, como separa a revolução nacional da revolução internacional.

Colocando diante das revoluções dos países atrasados a tarefa de instaurar o regime irrealizável da ditadura democrática, oposta à ditadura do proletariado, essa teoria cria ilusões e ficções políticas, paralisa a luta do proletariado do Oriente pelo poder e retarda a vitória das revoluções coloniais.

Do ponto de vista da teoria dos epígonos, a conquista do poder pelo proletariado constitui, por si só, a realização da revolução (em seus "nove

décimos", segundo a fórmula de Stalin), e inaugura a época das reformas nacionais. A teoria da integração do kulak no socialismo⁽¹⁸⁾ e a teoria da "neutralização" da burguesia mundial são, por conseguinte, inseparáveis da teoria do socialismo num só país, equilibrando-se e caindo juntas.

A teoria do nacional-socialismo degrada a Internacional Comunista, que fica reduzida ao papel de arma auxiliar na luta contra a intervenção armada. A política atual da Internacional Comunista, o seu regime e a escolha dos seus dirigentes correspondem perfeitamente à sua decadência e transformação num exército de emergência, que não se destina a resolver, de maneira autônoma, as tarefas que se lhe apresentam.

14. O programa da Internacional Comunista, obra de Bukhárin, é eclético do princípio ao fim. É uma tentativa desesperada de ligar a teoria do socialismo num só país ao internacionalismo marxista, que não pode, entretanto, ser separado do caráter permanente da revolução mundial. A luta da Oposição de Esquerda⁽¹⁹⁾ por uma política justa e um regime são na Internacional Comunista está indissolúvelmente ligada à luta por um programa marxista. A questão do programa, por sua vez, é inseparável da questão das duas teorias opostas: a teoria da revolução permanente e a teoria do socialismo num só país. O problema da revolução permanente já ultrapassou, há muito tempo, o limite das divergências episódicas entre Lênin e Trotsky, inteiramente esgotadas pela história. Trata-se, agora, da luta entre as idéias fundamentais de Marx e de Lênin, de um lado, e o ecletismo centrista, de outro lado.

Início da página

(1) Epígonos - Assim Trotsky classifica os burocratas estalinistas, que dominam o governo soviético, após a morte de Lênin. - N. do T. ([retornar ao texto](#))

(2) Kaménev (1883-1936) - Membro do Comitê Central do PC Soviético e executor testamentário de Lênin, por este designado. Dirige a bancada bolchevique da Duma (Parlamento) e a redação do Pravda em 1914. De volta de deportação na Sibéria, durante a Primeira Grande Guerra, assume a direção do Partido Bolchevique, ao eclodir a Revolução de Fevereiro, em 1917. Opõe-se à Revolução de Outubro, por considerá-la prematura. Vitoriosa esta, dirige, contudo, sem funções na cúpula governamental, o Soviete de Moscou. Participa da "troika", de fato órgão máximo, com Stalin e Zinoviev.

Rompendo com a política de Stalin, passa-se para a Oposição de Esquerda Unificada. É excluído do partido no XV Congresso. Em 1928, capitula. Expulso, outra vez, em 1932, é executado em 1936, depois de condenado no primeiro processo de Moscou. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

class="note">(3) Plekhánov, G. V. (1856-1918) - Introdutor do marxismo na Rússia e fundador do primeiro grupo marxista chamado "Emancipação do Trabalho". Teórico de grande valor, deixa vasta bibliografia. Menchevique a partir do II Congresso do POSDR (1903) - Partido Social-Democrata Operário Russo, mais tarde Partido Comunista da URSS - e principal autor do programa dessa organização. Ao lado de Lênin, torna-se um dos diretores do primeiro Iskra, empenhando-se na luta contra o "economicismo". Do bolchevismo, passa-se para o menchevismo. Partidário da defesa nacional na Primeira Grande Guerra (1914-1918), mostra-se irredutível social-chovinista. Assume posição contrária à Revolução de Outubro sem, contudo, combater o Poder Soviético. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(4) MártoV, Y. (1873-1923) - Um dos fundadores da social-democracia russa e membro preeminente da redação do Iskra. Depois da cisão do POSDR, em 1903, torna-se um dos líderes do menchevismo. Nos anos da reação (1907-1910) apóia os "liquidadores". Durante a Primeira Guerra Mundial, assume posição centrista. "Menchevique de esquerda" durante a Revolução de Outubro, participa do II Congresso dos Sovietes. Rompe, em seguida, com o regime soviético. Com permissão do governo, ruma para a imigração. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(5) Rykov, Aleris (1881-1938) - "Velho bolchevique". Um dos colaboradores mais chegados a Lênin, membro do Comitê Central bolchevique desde a cisão do POSDR. Torna-se presidente do Conselho Supremo da Economia, depois da Revolução de Outubro. Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, de 1924 a 1929. É executado em 1938, sob acusação de "terrorismo", no 39 processo de Moscou. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(6) Mólotov, (1890-) - "Velho bolchevique", dirige o POSDR, em Petrogrado, antes da chegada de Lênin, em abril de 1917. Desde 1920, membro do Comitê Central do PC, ao lado de Stalin. Durante o chamado "terceiro período", ultra-esquerdista, de "guerras e revoluções" que levou a IC ao aventureirismo na China (1928-1931), dirigiu a Internacional Comunista. Substitui, em 1939, Litvinov no Ministério das Relações Exteriores. Opondo-se à desestalinização, é afastado de seu cargo pelo grupo de Krushev. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(7) Ainda uma vez, confirma-se previsão de Trotsky. A III Internacional é dissolvida em 15 de maio de 1943, como já citado em nota de rodapé, na pág. 4. [\(retornar ao texto\)](#)

(8) Cuomintang - Denominação do Partido Nacionalista chinês de que um dos fundadores foi Sun Yat-Sen (1866-1925), chamado o "pai da revolução chinesa". Chang-Cai-Chec, que o sucede, sob a pressão das forças comunistas de Mao Tsé-Tung se transfere para a ilha de Formosa (Taiwan), protegido por uma esquadra dos EUA. Aí, vem a falecer. -N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(9) Kerensky, Alexandre (1881-1970) - Advogado e brilhante orador, é eleito para a Duma (Parlamento Russo) em 1912. Ao eclodir a Primeira Grande Guerra, define-se pela defesa nacional, abjurando o internacionalismo. Filia-se ao Partido Social-Revolucionário em 1917. É eleito vice-presidente do Soviete de Petrogrado (hoje, Leningrado). Ministro da Justiça, depois Ministro da Guerra do Governo Provisório, de que se torna presidente de julho a outubro do mesmo ano. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(10) Miliulcov (1859-1943) - Historiador russo e chefe do Partido liberal burguês, dos cadetes (constitucionais-democratas). Com a queda do czar Nicolau II, torna-se Ministro das Relações Exteriores do primeiro governo provisório, de fevereiro de 1917. Emigra, depois da guerra civil. -N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(11) Kornilov, L. G. (1870-1918) - Comandante-chefe do Exército Russo, nomeado em 19 de agosto de 1917, por Kerensky, então presidente do governo provisório. Destituído, quando começou a manifestar oposição ao governo "centrista", reclamando mais disciplina nas Forças Armadas. Preso e posto em liberdade após a Revolução de Outubro, procurou aglutinar a contra-revolução para marchar rumo a São Petersburgo (Leningrado) decidido a esmagar os "bolcheviques". Morto pela explosão de uma granada. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(12) A propósito da adesão de Martinov à III Internacional, escreve Trotsky, no seu trabalho intitulado "Quem dirige, Hoje, a Internacional Comunista?", o seguinte: "Em 1923, Martinov revelou-se inopinadamente, ao publicar um artigo na revista moscovita Krassnaia Nov. Numa sessão do Birô Político, na primavera de 1923, um pouco por gracejo e um pouco a sério, mas fazendo, em todo caso, um mau presságio, declarei, de passagem: "Tomem cuidado, para que Martinov não se meta ainda no Partido". Lênin, com ambas as mãos circundando a boca, à guisa de porta-voz, "cochichou-me" então, mas fazendo-se ouvir em toda a sala: "Já se sabe que é um imbecil". Eu não tinha razão alguma para contestar essa breve caracterização feita num tom de absoluta convicção. Apenas observei que não é possível, evidentemente, construir um grande partido só com pessoas inteligentes, e que Martinov podia, por descuido, passar a uma outra categoria. Ora, a brincadeira tomou um tom sério. E Martinov não só se meteu no

Partido, como se tornou também um dos principais inspiradores da Internacional". - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(13) Radek, Karl (1885-1942) - Bolchevique de origem polonesa e jornalista de excepcionais dotes, participa do movimento social-democrata da Galícia, Polônia e Alemanha, colaborando nas publicações editadas pelos social-democratas alemães de esquerda. Um dos principais dirigentes da Internacional Comunista (1919-1923). Destaca-se como líder da Oposição de Esquerda (1923-1928). Excluído do Partido Soviético no XV Congresso, é deportado para a Sibéria. Capitula em 1929 e, de volta, torna-se redator do Pravctct ("A Verdade"), submetendo-se às imposições de Stalin. Preso, novamente, e condenado, em 1937, a dez anos de trabalhos forçados, é morto, em 1942, por ordem de Stalin, no local onde se encontrava deportado. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(14) Isto é, à direção da III Internacional. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(15) Máslov, A. - Dirigente comunista alemão. Membro do Comité Executivo da Internacional Comunista empenha-se na luta contra o "trotskismo", para, pouco depois, aderir à Oposição de Esquerda. Expulso do PC em 1928, capitula. Retorna à Oposição em 1934. Emigra para Cuba, onde vem a falecer. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(16) Thaihcirner, E.(... -1952) - Um dos fundadores do PC da Alemanha e autor de obras teóricas, particularmente sobre o materialismo dialético. Membro da direção do partido, dela é excluído, em 1929, juntamente com Brandrer, líder da fração direita. Contudo, até sua morte, mantém-se à testa dessa tendência. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(17) Thaelrann, Ernest (1886-1945) - Com a maioria do Partido Social-Democrata Independente, adere, em 1921, ao PC da Alemanha, tornando-se, pouco depois, dirigente da organização estalinista. Líder da fração comunista no Reichstag (Parlamento), de 1924 a 1933, candidata-se várias vezes à Presidência da República. Preso pelos nazistas em 1933, é assassinado por estes em 1945, no campo de concentração de Büchenwald. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(18) Lançando a palavra de ordem de "Camponeses, enriquecei-vos!", achava Bukhárin que os kulaks, em lugar de se orientarem para o capitalismo, marchavam pacificamente para o socialismo. Essa política só foi abandonada pelo Partido Comunista da URSS em 1928, quando os kulaks, com a "greve do trigo", fizeram à cidade o cerco da fome. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

(19) Ver a nota 2 da página 3. - N. do T. [\(retornar ao texto\)](#)

